



Texto recebido em:
06/11/2025

Texto aprovado em:
17/11/2025

V. 15 - N. 34 - 2025

*Mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (2025). Especializado em Ensino de Português, Literatura e Redação pelo Claretiano Centro Universitário (2022), e bacharel em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2019). Contato: eliabissilva@hotmail.com

** Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Contato: jeff.habeck@gmail.com

Uma leitura intertextual de 'O que é amar um país', de José Tolentino Mendonça: enraizamento, fragilidade e esperança

An intertextual reading of 'What it means to love a country' by José Tolentino Mendonça: the need for roots, fragility and hope

**Eliabe Simplício da Silva*

***Jefferson Zeferino*

"Quando nos parece haver perdido tudo a vida mantém a sua condição de sulco mesmo quando parece prostrada não deixa de ser descontínua visitada, iminente pronta a desencadear-se esperando o resto que pode levantar-se" (Mendonça, 2024b, p. 18)

Resumo

O Cardeal José Tolentino Mendonça realiza uma leitura poética e teológica singular ao destacar, entre as obras de Luís de Camões e Herberto Helder, a palavra raiz como núcleo de reflexão simbólica. Ao fazê-lo, o autor propõe uma inversão da lógica tradicional associada a essa imagem que costuma simbolizar força, estabilidade e permanência. Em seu discurso, O que é amar um país, no contexto da pandemia de COVID-19, em 2020,



Tolentino sugere que a raiz também pode representar vulnerabilidade e fragilidade, aspectos constitutivos da condição humana. Nesse diálogo intertextual, ele recorre ao texto *O enraizamento*, da filósofa Simone Weil, escrito durante a Segunda Guerra Mundial. A partir dessa interlocução, Tolentino reflete sobre o enraizamento como metáfora existencial e espiritual, evidenciando a tensão entre a necessidade de pertencimento e o reconhecimento da vulnerabilidade humana. Assim, este estudo propõe-se a mapear as linhas de força intertextuais presentes no discurso, examinando de que modo se articulam, nesse contexto, os conceitos de fragilidade, enraizamento e esperança. Pretende-se demonstrar que, ao deslocar o sentido convencional de raiz, o autor oferece uma leitura ética da experiência humana em que a vulnerabilidade deixa de ser vista como limite para tornar-se uma possibilidade de abertura, solidariedade e reconstrução comunitária.

Palavras-chave: José Tolentino Mendonça. Simone Weil.
Enraizamento. Fragilidade. Esperança.

Abstract

Cardinal José Tolentino Mendonça provides a distinctive poetic and theological interpretation, focusing on the word root as the core of symbolic reflection in the works of Luís de Camões and Herberto Helder. By doing so, the author challenges the traditional interpretation of this image, which typically represents strength, stability, and permanence. In his 2020 speech, *What it means to love a country*, delivered during the height of the global pandemic, Tolentino suggests that the root can also represent vulnerability and fragility — constitutive aspects of the human condition. In this intertextual dialogue, he references the text *The Need for Roots*, by the philosopher Simone Weil, which was written during the Second World War. Building on this, Tolentino considers rooting as an existential and spiritual metaphor, emphasizing the tension between the need for belonging and the acknowledgement of human vulnerability. This study therefore aims to map the intertextual lines of force present in the speech and examine how the concepts of fragility, rootedness and hope are articulated in this context. The study seeks to demonstrate that by shifting the conventional meaning of roots, the author provides an ethical interpretation of the human experience, viewing vulnerability not as a limitation, but as an opportunity for openness, solidarity, and community reconstruction.

Keywords: José Tolentino Mendonça. Simone Weil. Rootedness.
Fragility. Hope.

Introdução

Este artigo propõe uma análise do discurso *O que é amar um país*, de José Tolentino Mendonça, situado em contexto de crise, especialmente aquele evidenciado pela pandemia de COVID-19. O autor manifesta uma profunda preocupação com a fragilidade humana, as raízes culturais, a vulnerabilidade e o enraizamento, compreendidos como dimensões da existência e da convivência humanas. A reflexão de Tolentino é construída a partir de uma interlocução com os poetas portugueses Luís Vaz de Camões e Herberto Helder, e com a filósofa Simone Weil, objetivando pensar sobre a fragilidade e a solidariedade como fundamentos de construção comunitária¹.

A problemática central deste estudo concentra-se nas relações entre enraizamento, fragilidade humana e esperança frente a crises transnacionais que desinstalam certezas e se apresentam como fissuras que ajudam a pensar o humano desde suas fraquezas. Estabelece-se, assim, um exercício de intertextualidade que visa compreender o caminho argumentativo que Tolentino desenvolve para pensar o amor a um país que não caia em patriotismos ufanistas, mas que propõe um reencontro aberto com as raízes².

Para tanto, busca-se identificar as principais reflexões de Mendonça em *O que é amar um país*, considerando seus temas principais e interlocuções. A partir disso, investiga-se o tema da fragilidade humana em outros escritos de Tolentino; estabelece-se um diálogo com dois repre-

1. O presente estudo se origina na dissertação de mestrado de Eliabe Simplicio da Silva (2025), intitulada *Entre o Evangelho e a Cultura: percurso intelectual de José Tolentino Mendonça*, defendida na Pontifícia Universidade Católica de Campinas. O texto que o leitor tem em mãos é uma versão revisada, editada e ampliada de partes da dissertação.

2. “A intertextualidade, fenômeno em que um texto está presente em outro, direta ou indiretamente, é uma condição fundamental a todo discurso” (Garcia, 2020, p. 125). O exercício de intertextualidade aqui colocado em curso, mapeia os principais autores com quem Tolentino dialoga em *O que é amar um país*. Tal leitura possibilita perceber aspectos do caminho argumentativo desenvolvido pelo autor e como as ideias de suas fontes reverberam no seu modo de pensar a situação contemporânea.

sentantes da herança poética portuguesa que o inspira, nomeadamente Camões e Helder; e apresenta-se a discussão sobre o enraizamento conforme elaborada por Weil. Tal leitura permite uma reaproximação das fontes, buscando contextualizar e sistematizar as contribuições de Tolentino e de Weil para se pensar o humano diante de situações liminais como a guerra e a pandemia. Nesse sentido, este estudo propõe mapear as linhas de força intertextuais presentes no discurso, examinando como se articulam os conceitos de fragilidade, enraizamento e esperança. Procura-se compreender de que modo Tolentino se apropria das ideias e imagens de Camões, Helder e Weil para dar voz a uma leitura poética e ética da experiência humana. Ao deslocar o sentido convencional de raiz, Tolentino revela a vulnerabilidade não como limite, mas como possibilidade de abertura, solidariedade e reconstrução comunitária.

Como amar um país

Em 2019, o então Presidente da República Portuguesa, Marcelo Nuno Duarte Rebelo de Sousa escolheu o Cardeal José Tolentino Calaça de Mendonça³ para presidir a comissão responsável pelas comemorações do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, previstas para 2020⁴. Inicialmente, a celebração estava programada para ocorrer na Região Autónoma da Madeira e também na África do

3. José Tolentino Mendonça, nascido em 1965 em Machico, Ilha da Madeira, Portugal, destaca-se como poeta e ensaísta cuja produção literária promove um diálogo interdisciplinar. Sua obra, em constante ampliação, já ultrapassa a marca de cinquenta livros, traduzidos para diversos idiomas e disseminados internacionalmente. Caracteriza-se pela abordagem multiforme e pela incorporação de referências provenientes de múltiplas áreas do conhecimento, tais como literatura, teologia, filosofia, cinema, sociologia, antropologia, psicanálise e arquitetura. Em 2019, foi elevado ao posto de Cardeal pela Igreja Católica, por decisão do Papa Francisco. Em 2023, recebeu o Prêmio Pessoa, considerado a mais relevante distinção cultural e científica em Portugal (Silva, 2025). Durante a cerimônia de premiação, realizada em junho de 2024, o presidente Marcelo Rebelo de Sousa qualificou Tolentino como um interlocutor do diálogo, especialmente em contextos nos quais se supõe que a Igreja ou o clero não detenham jurisdição (Leiderfarb, 2024).

4. Segundo Vitor de Sousa (2021, p. 15), o presidente “inaugurou uma nova forma de assinalar o Dia de Portugal, com cerimônias em Portugal e num país estrangeiro”.

Sul⁵. No entanto, devido à pandemia, foi transferida para o Mosteiro dos Jerónimos⁶, em Lisboa — local onde José Tolentino Mendonça foi ordenado Bispo em 2018, numa cerimônia presidida pelo Cardeal-Patriarca de Lisboa, D. Manuel Clemente (Pinto-Lisboa, 2018). O discurso proferido por Tolentino no dia de Portugal foi posteriormente publicado, em agosto de 2020, pela editora Quetzal, em conjunto com outros dois textos, no livro *O que é amar um país: o poder da esperança*.

Em referência à morte de Camões, 10 de junho passou a ser celebrado como símbolo nacional, a partir do tricentenário do poeta português, tornando-se uma ocasião de reflexão sobre a rica herança histórica portuguesa. De acordo com António Cravo (apud Matozzi, 2016, p. 6), “este dia, tal como hoje celebramos, foi escolhido sob o signo da Língua, da Poesia e do Emigrante que tem como berço de origem o nosso País”. A data, comemorada desde o século XIX, tornou-se um símbolo da identidade nacional, reunindo a sociedade em celebrações, destacando a obra épica de Camões, *Os Lusíadas*. No Estado Novo, sob Salazar, ganha ênfase como o Dia da Raça. Com a Revolução dos Cravos, de 25 de abril de 1974, assume-se uma nova roupagem, que posteriormente receberá a designação de Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas⁷ (João, 2011; Matozzi, 2016).

O discurso proferido pelo Cardeal José Tolentino Mendonça ocorreu durante a pandemia de COVID-19. A Organização Mundial da Saúde

5. Cerca de 200 mil portugueses e por volta de 500 mil sul-africanos com descendência portuguesa moram no país, fronteira com Moçambique e próximo da Angola - duas ex-colônias portuguesas, de acordo com dados do governo da África do Sul (AFP, 2023).

6. O Mosteiro dos Jerónimos é considerado um dos exemplos mais surpreendentes da arquitetura portuguesa. É o local de descanso final de muitas personalidades portuguesas famosas como Vasco da Gama, Luís de Camões, D. Manuel I e D. João III de Portugal (Jeronimos Monastery, 2024).

7. A mudança de Raça para Comunidade reflete a forma como as pessoas se identificam em termos de pertencimento e conexão. O termo Raça era utilizado para descrever grupos étnicos ou nacionais com base em características físicas ou culturais, uma terminologia empregada durante o Estado Novo, com conotações racistas e discriminatórias. “A expressão continuou a ser usada e insere-se na ascensão dos fascismos e das ideologias racistas que tiveram grande impacto no período entre as guerras na Europa” (João, 2011, p. 26).

(OMS), por meio de seu diretor-geral Tedros Adhanom Ghebreyesus, declarou a pandemia em 11 de março de 2020, em razão da propagação da doença conhecida como Coronavirus Disease 2019. Tal evento resultou em inúmeras consequências que afetaram diversos setores, entre eles a saúde pública, a economia e a vida social de maneira generalizada. Em sua exposição, Mendonça observa: “A pandemia, que principiou como uma crise sanitária, tornou-se uma crise poliédrica, de amplo espectro, atingindo todos os domínios da nossa vida comum” (Mendonça, 2020, p. 18).

A partir de um excerto da obra poética de Herberto Helder, Tolentino recupera o termo raiz como elemento central de sua reflexão. Desde as primeiras linhas, evidencia-se a filiação de Tolentino à tradição poética portuguesa, ancorada na figura de Luís de Camões, cujo legado é apresentado não apenas como patrimônio literário, mas também como instrumento de discernimento ético e existencial para a nação portuguesa.

Tolentino propõe uma leitura contemporânea da obra camoniana, particularmente de *Os Lusíadas*, destacando o Canto VI, no qual se narra a tempestade enfrentada pela expedição portuguesa rumo à Índia. Essa passagem é utilizada como metáfora para os desafios que marcam tanto as jornadas individuais quanto as coletivas, e serve como ponto de partida da reflexão de Tolentino sobre a condição humana. A imagem da tempestade, por sua vez, é contraposta à ideia de comunidade, ressaltando a importância da coesão social diante da adversidade. Nesse sentido, a metáfora da raiz surge como símbolo simultâneo de fragilidade e de resistência, evocando a vulnerabilidade inerente à existência humana e a necessidade de solidariedade. Tolentino destaca, ainda, que não existem superpaíses, assim como não há super-homens, desmistificando qualquer pretensão de autossuficiência nacional (Mendonça, 2020, p. 14-15).

Ao longo do discurso, Tolentino estabelece um diálogo com o pensamento de Simone Weil, particularmente com um texto escrito pela au-

tora no contexto da Segunda Guerra Mundial. Inspirado nela, fala sobre duas formas distintas de amar um país: pela força ou pela fragilidade. Optando por esta última via, o autor enfatiza valores como compaixão e fraternidade, os quais, segundo ele, constituem fundamentos para a construção de uma comunidade nacional coesa e resiliente, especialmente em tempos de crise sanitária e social (Mendonça, 2020, p. 16-19).

Com base nesse horizonte ético e político, o discurso propõe três pactos fundamentais para a reconstrução do tecido social. O primeiro consiste na reabilitação do pacto comunitário, o qual ressalta a centralidade do cuidado mútuo e da solidariedade como pilares da convivência e da civilização. O segundo é o pacto intergeracional, que reconhece a interdependência entre diferentes grupos etários e distintas gerações, valorizando tanto o potencial transformador das juventudes quanto a sabedoria acumulada das gerações mais velhas, como forma de evitar a fragmentação social. Por fim, Tolentino propõe um novo pacto ambiental, ancorado na encíclica *Laudato Si'*, do Papa Francisco, que convoca à construção de uma ética da criação, centrada na responsabilidade coletiva em relação à casa comum e à justiça intergeracional (Mendonça, 2020, p. 19-26).

Concluindo sua intervenção, Tolentino afirma que “Portugal é uma viagem que fazemos juntos” (Mendonça, 2020, p. 27), sintetizando, assim, sua visão de país como projeto coletivo, em permanente construção. Essa jornada comum, segundo o autor, não é apenas uma travessia geográfica ou histórica, mas sobretudo um processo contínuo de edificação ética e comunitária, pautado na solidariedade, na memória e na esperança.

Ao compreender a fragilidade, a vulnerabilidade e as raízes como temas de destaque no texto de Tolentino, investiga-se, a seguir, a incidência desse temário no pensamento do próprio Tolentino, e nos autores que evoca em seu discurso, Camões e Helder desde a poesia portuguesa, e em sua interlocução com a filósofa francesa Simone Weil.

José Tolentino Mendonça: a fragilidade humana

A vulnerabilidade e a fragilidade são temas que permeiam os escritos de José Tolentino Mendonça⁸. Em 2021, ele publicou o artigo Sobre o Uso do Termo Vulnerabilidade, no qual examina o conceito a partir de duas encíclicas do Papa Francisco: *Laudato Si'* (2015) e *Fratelli Tutti* (2020). Inicialmente, Mendonça destaca a indeterminação semântica do termo vulnerabilidade, mas, por meio da análise das encíclicas, identifica “[...] perspectivas de evolução que devem ser ponderadas” (Mendonça, 2021, p. 73).

Ao considerar os desafios contemporâneos, seria previsível que o termo vulnerabilidade estivesse presente nas encíclicas. Na *Laudato Si'*, porém, o termo ocorre apenas uma vez quando o Papa cita o episcopado estadunidense: “como disseram os bispos dos Estados Unidos, é oportuno concentrar-se ‘especialmente sobre as necessidades dos pobres, fracos e vulneráveis, num debate muitas vezes dominado pelos interesses mais poderosos’” (LS 52). Observa-se, porém, um campo semântico que engloba expressões como debilidade, fragilidade, feridos, pobres e pobreza. Na encíclica *Fratelli Tutti*, o termo vulneráveis aparece três vezes, e vulnerabilidade, uma vez. O artigo de Mendonça conclui com uma reflexão sobre o termo vulnerabilidade, tendo como pano de fundo a pandemia de COVID-19. Segundo o autor, o Papa Francisco evidencia uma pandemia que expõe tanto a nossa vulnerabilidade quanto as falsas seguranças cultivadas pelas pessoas (Mendonça, 2021).

Um momento de grande simbolismo para a compreensão de Mendonça acerca da vulnerabilidade é o episódio em que o Sumo Pontífice se encontra na Praça de São Pedro vazia, ocasião na qual “o Papa Francisco ousou habitar a vulnerabilidade. Não permaneceu a discursar sobre a vulnerabilidade do mundo como alguém isento dela. Ao

8. Em recente artigo, Zeferino e Silva (2024) destacam a conexão entre as teologias de José María Castillo e José Tolentino Mendonça, com ênfase na discussão da humanização. O estudo aborda, especialmente, a fragilidade humana — um tema que, para o poeta Mendonça, representa a chave para compreender a presença divina no mundo.

aceitar expor-se como um entre todos, emergiu como uma capacidade simbólica de representar a todos” (Mendonça, 2021, p. 75-76). A pandemia revelou novas perspectivas políticas e econômicas e, segundo Tolentino, demonstrou que “[...] a vulnerabilidade é, antes de tudo, a nossa condição ontológica” (Mendonça, 2021, p. 76).

Sob o subtítulo *Amar a Imperfeição*, Tolentino, no livro *Nenhum Caminho Será Longo*, defende que a aceitação da imperfeição presente nas relações de amizade contribui para a humanização do humano. O autor convida a direcionar o olhar para além das perfeições, reconhecendo a fragilidade intrínseca à condição humana e afirma: “é verdade que nossas fragilidades nos levam também a ver as nossas singularidades. E é o impacto da fragilidade em nós que mostra a nossa realidade mais profunda, mostra a vida de Deus e os seus vestígios” (Mendonça, 2013, p. 132).

Para Tolentino, a humanidade constitui uma espécie de narração de Deus, experiência que ele entende como libertadora. Nesse contexto, argumenta que “a nossa fragilidade dá a ver a força da sua compaixão. As ausências em que nos perdemos permitem que se revele ainda mais a sua amizade” (Mendonça, 2013, p. 134). O autor estabelece uma analogia entre a amizade divina e a postura de pais que acolhem seus filhos com suas vulnerabilidades, apontando que “nada há em nós que lhe seja desconhecido ou indiferente: interrupções e recomeços, frustrações e desafios, turbulências ou tempos de paz” (Mendonça, 2013, p. 134). Na mesma obra, Tolentino faz referência à poesia de Khalil Gibran para abordar a temática da alegria, concebida como uma espécie de balança cujas oscilações são inevitáveis. Mesmo reconhecendo a dor e o sofrimento como realidades frágeis, afirma que “muitas vezes, é a dor que escava em nós profundidades que, depois, a alegria vai encher” (Mendonça, 2013, p. 141).

Tolentino sustenta que aqueles que amam são mais vulneráveis. Refletindo sobre as palavras de Mário Quintana — “O amor é quando

a gente mora um no outro” (apud Mendonça, 2014, p. 37) — conclui que “os que amam são, de certa maneira, mais vulneráveis” (Mendonça, 2014, p. 37), pois “o amor expõe-nos também com maior intensidade aos sofrimentos” (Mendonça, 2014, p. 38). Ao analisar uma cena cinematográfica em que uma mulher, carregando sacolas pesadas, faz pausas periódicas para trocar o peso entre as mãos, Tolentino comenta que “quando trocamos o peso que as mãos sustentam na viagem, concedemos às mãos exaustas a possibilidade de reinventar estratégias que lhes permitem persistir, e criamos assim a oportunidade para que se reencontrem” (Mendonça, 2014, p. 77).

Diante das ilusões de onipotência, o ser humano confronta sua vulnerabilidade, o que implica o reconhecimento dos seus limites. Conforme afirma Tolentino: “a bem dizer, não há quem não faça a experiência da vulnerabilidade. Não há quem não sinta, a certo momento, que a porção ou a forma da existência que lhe coube é demasiado pesada para as forças que tem; que é capaz com facilidade de realizar uma coisa ou outra, mas não todas; que precisa de instantes para se refazer” (Mendonça, 2014, p. 77).

O autor concebe que o cuidado da dor é uma aprendizagem, ressaltando que o ser humano possui a capacidade de acolher a fragilidade, encontrando sentido diante do sofrimento, sem sucumbir ao desespero. Afirma que “à beira do fim há sempre tanta coisa que começa” (Mendonça, 2014, p. 81). Segundo Tolentino, é imprescindível acolher e reconhecer a vulnerabilidade e a dor, considerando o cuidado com o sofrimento como condição para a compreensão da dor alheia. Ressalta: “e, não o esqueçamos, quantas vezes a vulnerabilidade acolhida se torna a janela por onde entra a inesperada transparência da graça” (Mendonça, 2014, p. 103-104).

Ao acolher a vida com todos os seus desafios, Tolentino entende que é necessário abandonar a utopia da vida perfeita, uma vez que “por vezes gostaríamos que ela fosse mais redonda, mais linear, não tivesse

aquele solavanco, aquela ferida, não tivesse passado por aquele estre-
mecimento, não incluísse este contraste” (Mendonça, 2017, p. 18).

Tolentino concebe o ser humano como vulnerável tanto na condição
de vítima quanto de agressor:

A DADA ALTURA AGARRAMO-NOS À DOR como se
ela fosse um heroísmo e pomo-nos a expor feridas
como quem exhibe condecorações. A nossa cabeça de
pessoas crescidas é complicada. Descobrimos que há
um prazer em listar achaques e traições; e, se a minha
chaga puder ser maior do que a tua, tanto melhor, isso
reforça o meu estatuto.

A verdade é que, se não tomamos atenção, a desgraça
íntima torna-se um escanzelado pódio onde nos
blindamos. Penso que uma viragem se opera quando
aceitamos perceber que todos somos vulneráveis. É
fácil reproduzir um esquema dialético em que somos a
vítima e o outro é o agressor e esquecer que também
ele é atravessado pelo sofrimento.

De facto, não raro, a agressão é uma linguagem desviada
para exprimir ou para dissimular a condição de vítima.
Um necessário caminho é reconhecer que naqueles
que nos ferem (ou feriram) há também bloqueios,
mazelas e opacos novelos. Se não nos amaram não foi
necessariamente por um ato deliberado, mas por uma
história porventura ainda mais sufocada do que a nossa
(Mendonça, 2017, p. 26).

Propõe o reconhecimento da dor humana na dor de Jesus Cristo
crucificado, entendendo que, através de seu sofrimento, Jesus se solida-
rizou com a vulnerabilidade humana. Nesse sentido, afirma que “não há
nenhuma dor humana, nenhuma, que não tenha expressão nas dores de
Cristo crucificado. Não há solidão humana, não há silêncio, atropelamen-
to, perseguição, violência ou tortura que não possam ser aproximados
do intensíssimo sofrimento que Jesus provou” (Mendonça, 2017, p. 47).
Quando sofre, o ser humano repete a interrogação de Jesus — Meu Deus,
meu Deus, por que me abandonaste? —, e, a partir disso, Tolentino con-
vida à descoberta da presença divina nesses momentos de fragilidade.

O autor apresenta a possibilidade de um relacionamento com Deus em que vulnerabilidade, fragilidade e sofrimento não constituem impedimentos. Ressalta que “o grande obstáculo a uma vida de Deus não é a fragilidade e a fraqueza, mas a dureza e a rigidez. Não é a vulnerabilidade e a humilhação, mas o seu contrário: o orgulho, a autossuficiência, a autojustificação, o isolamento, a violência, o delírio de poder” (Mendonça, 2018, p. 99). Por isso, conclama a Igreja a assumir uma postura periférica, fazendo-se presente nos espaços de vulnerabilidade e exclusão, como comunidade de corações convertidos. Como parte desse corpo, enfatiza: “o que nos enfraquece não é, de fato, a escassez, mas a sobreabundância; não é a vulnerabilidade, mas o poder mal compreendido na sua finalidade; não é a frugalidade, mas sim o desperdício. O que nos enfraquece é não termos escutado até o fim o apelo que está por detrás da fome e da sede” (Mendonça, 2018, p. 135).

Aspectos da poesia portuguesa em “O que é amar um país”

A produção poética de José Tolentino Mendonça revela influências literárias que o acompanharam desde a juventude. Entre essas influências, destacam-se dois nomes centrais da tradição poética portuguesa: Luís Vaz de Camões e Herberto Helder. Ambos exercem papel fundamental na formação estética e na concepção poética de Tolentino, o qual reconhece, em diversas entrevistas e escritos, a importância decisiva desses autores em sua trajetória intelectual e espiritual.

Luís Vaz de Camões, autor da epopeia *Os Lusíadas* e figura emblemática da identidade cultural portuguesa⁹, é interpretado como um legado que transcende a poesia e constitui uma verdadeira herança civiliza-

9. Camões nasceu entre 1524 e 1525, em Lisboa, filho de Ana de Sá e de Simão Vaz de Camões, um fidalgo empobrecido de origem galega. Faleceu em 10 de junho de 1580, data que viria a ser consagrada como o Dia Nacional de Portugal. Curiosamente, uma semana após sua morte, Portugal perdeu sua independência, sendo incorporado à Coroa Espanhola por um período de sessenta anos. Paradoxalmente, esse contexto histórico marcou o início do reconhecimento internacional da obra camoniana, que passou a ser vista como símbolo da identidade nacional e da resistência cultural portuguesa (Bueno, 2018, p. 16-20).

cional. Para Tolentino, Camões forneceu à nação um mapa mental e espiritual, sendo o responsável por iniciar Portugal na navegação interior. Em suas palavras: “Camões não nos deu só o poema. Se quisermos ser precisos, Camões deixou-nos em herança a poesia” (Mendonça, 2020, p. 11). Essa perspectiva sugere que a poesia camoniana não apenas narra as grandes epopeias marítimas, mas também propõe uma cartografia interior, voltada para a compreensão da condição humana e das suas fragilidades.

Para Tolentino, Camões¹⁰ foi capaz de “desconfinar Portugal” (Mendonça, 2020, p. 12), conduzindo-o a um processo de autoconhecimento por meio da linguagem poética. Em *Os Lusíadas*, além da exaltação das conquistas ultramarinas, há também uma profunda reflexão sobre a vulnerabilidade do ser humano diante das forças do destino e das contingências da existência. Assim, a obra camoniana, na leitura de Tolentino, revela-se não apenas como um monumento literário, mas como um instrumento de acesso ao drama da condição humana.

A metáfora das raízes reaparece como símbolo da condição humana: “as raízes, que julgamos inabaláveis, são também frágeis, sofrem os efeitos da turbulência da máquina do mundo. Não há superpaíses, como não há super-homens” (Mendonça, 2020, p. 16). Tal perspectiva convida à reflexão sobre a vulnerabilidade e a resiliência humana diante dos desafios da existência.

A imagem da raiz, presente na estância 79 d’*Os Lusíadas*, é retomada por Tolentino para aprofundar essa reflexão:

Quantas árvores velhas arrancaram
Do vento bravo às fúrias indignadas!
As forçosas raízes não cuidaram

10. Em seu discurso, Tolentino remete ao episódio do Canto VI d’*Os Lusíadas*, de Luís de Camões, enfatizando a tempestade enfrentada pelos marinheiros portugueses durante a expedição à Índia. O ponto central dessa evocação é a ideia de que grandes realizações frequentemente exigem a superação de crises e adversidades, sintetizada na expressão: “[...] não há viagem sem tempestades” (Mendonça, 2020, p. 14). Nesse contexto, o autor destaca a importância da coesão comunitária diante das dificuldades.

Que nunca para o céu fossem viradas,
Nem as fundas areias, que pudessem
Tanto os mares que em cima as revolvessem.

Tolentino interpreta essa imagem de maneira direta, compreendendo-a como uma metáfora da vulnerabilidade: “a tempestade descrita por Camões recorda-nos, assim, a vulnerabilidade, com a qual temos sempre de fazer conta” (Mendonça, 2020, p. 16). Camões, além de poeta, figura como um símbolo recorrente da construção da identidade nacional portuguesa (Bueno, 2018, p. 19).

A tempestade enfrentada pelos marinheiros adquire valor simbólico, representando as crises históricas da nação. Tolentino recupera esse símbolo para ilustrar o enraizamento cultural e a consciência da fragilidade nacional: a imagem das raízes arrancadas evidencia a precariedade das tradições e identidades diante das intempéries da história. Sua proposta é, portanto, uma leitura da história permeada pela sabedoria e pelo realismo: “todos somos chamados a perseverar com realismo e diligência nas nossas forças e a tratar com sabedoria das nossas feridas, pois essa é a condição de tudo o que está sobre este mundo” (Mendonça, 2020, p. 16).

Outra relevante influência portuguesa para Tolentino e que está presente em seu discurso é Herberto Helder. Uma das primeiras obras que teve acesso do autor foi *Photomaton & Vox*¹¹, experiência que, segundo o próprio autor, o marcou de maneira profunda (Ribeiro, 2012). Em entrevistas, Tolentino refere-se a esse livro como uma obra imortal e confessa que foi o texto que mais o tocou no plano existencial e estético. Ao comentar a importância de Helder em sua formação, afirma: “os seus

11. Herberto Helder Luís Bernardes de Oliveira, nascido em 23 de novembro de 1930, no Funchal, Ilha da Madeira, e falecido em 23 de março de 2015, em Cascais. Autor prolífico, publicou aproximadamente trinta obras poéticas, tendo iniciado sua carreira literária com a publicação do livro *O Amor em Visita*, em 1958. É amplamente reconhecido como uma das figuras mais relevantes da poesia portuguesa contemporânea, sendo considerado, por muitos críticos, “o maior poeta português da segunda metade do século XX” (JCP, 2015). A sua escrita exerceu profunda influência sobre o jovem Tolentino, que lhe dedicou seu primeiro poema, intitulado *A Infância de Herberto Helder* (Mendonça, 2024a, p. 9).

poemas foram o meu primeiro mapa para a abordagem à própria poesia e, através dos seus versos, aprendi uma música que até aí não sabia que o mundo possuía”(JCP, 2015). Essa afirmação denota não apenas a admiração do autor pela musicalidade da linguagem helderiana, mas também a concepção da poesia como uma forma de conhecimento sensível do mundo, capaz de revelar dimensões ocultas da realidade (Ribeiro, 2012). Em suas palavras, “nessa idade não sabia de nada, mas sabia que amava Herberto Helder” (Ribeiro, 2012), destacando o papel afetivo e formativo que a poesia exerceu em sua adolescência. Segundo depoimento concedido ao jornal Público, ao comentar o falecimento de Helder, Tolentino declarou: “quando morre um poeta com a dimensão de Herberto Helder, o que sentimos é que não apenas morreu um poeta, mas a poesia” (Martins, 2015). Tal declaração revela o reconhecimento da centralidade de Helder na tradição literária portuguesa e sua importância como símbolo maior da força criadora da linguagem poética.

Ao introduzir o direcionamento de sua reflexão, o Cardeal José Tolentino Mendonça recorre a um trecho da obra *Flash*, do poeta Herberto Helder: “como pesa na água [...] a raiz de uma ilha” (Helder, 1980 apud Mendonça, 2020, p. 9), sinalizando que a temática central de seu discurso são as raízes.

Camões, ao empregar a imagem da raiz em *Os Lusíadas*, associa-a à violência da tempestade que expõe a precariedade das árvores arrancadas, instaurando uma metáfora da fragilidade estrutural diante das forças desestabilizadoras do mundo. Tolentino retoma essa cena para desenvolver o conceito de raiz em sua ambivalência constitutiva: como signo simultâneo de sustentação e vulnerabilidade. No diálogo intertextual que estabelece, o autor aproxima essa leitura da imagem proposta por Herberto Helder em *Flash* (1980), cujo fragmento inaugural — aquele em que se evoca “a raiz de uma ilha” — serve de abertura ao seu discurso. No poema helderiano, enquanto “uns procuram ramos de ouro” e “outros filões de púrpura”, o mergulhador é apresentado como aquele que se desvia dessas buscas superficiais e desce às profundezas em

demanda da raiz, isto é, do ponto originário que sustenta a ilha e lhe confere consistência (Helder, 1980, p. 3). A “raiz de uma ilha” torna-se, assim, metáfora de uma procura essencial, orientada para o fundamento oculto que estrutura o visível. Ao recuperar esse símbolo, Tolentino não apenas ressalta a dimensão epifânica da investigação poética, mas também reinscreve a metáfora no horizonte identitário da Ilha da Madeira — terra natal tanto do próprio autor quanto de Helder — recordando que ela se tornou, há seis séculos, “uma das admiráveis entradas atlânticas de Portugal” (Mendonça, 2020, p. 10). Desse modo, a imagem da raiz articula, em Tolentino, uma reflexão que integra tradição literária, memória pessoal e consciência histórica, configurando-se como eixo hermenêutico para pensar as tensões entre permanência e instabilidade que marcam a experiência humana.

Simone Weil: o enraizamento

A filósofa Simone Adolphine Weil¹², proveniente de uma família judia não praticante, desperta desde criança uma preocupação pelas pessoas mais vulneráveis na sociedade e isto lhe acompanha durante toda a vida. “Acomodava-se em pensões modestas de bairros periféricos e não admitia para si mais que a parte do salário correspondente à renda de um operário em greve, doando o restante a sindicatos de trabalhadores” (Santos, 2013, p. 98). Ela se voluntariou a trabalhar de maneira anônima como operária na fábrica de automóveis Renault “a fim de conhecer por dentro a condição do trabalhador industrial, não admitia pensar a condição operária sem assumi-la na carne” (Santos, 2013, p. 98).

A partir de sua própria experiência trabalhando como operária, em 1934 e 1935, publica uma obra, intitulada *A Condição Operária*, onde

12. Nascida em Paris no dia 3 de fevereiro de 1909, falecida em Ashford, Inglaterra, em 24 de agosto de 1943. Filha de Bernard Weil e Selma Weil, e irmã mais nova do matemático André Weil, Simone foi uma escritora, mística e filósofa francesa. Ela se tornou a “primeira mulher na França a obter o título de agregação em Filosofia na École Normale Supérieure” (Santos, 2013, p. 98), uma das mais prestigiadas instituições de ensino superior da França, fundada em 1794 durante a Revolução Francesa.

analisa a opressão do sistema capitalista na vida dos trabalhadores. Ela escreve:

O esgotamento acaba por me fazer esquecer os verdadeiros motivos de minha estada na fábrica, torna quase invencível para mim a tentação mais forte que esta vida inclui: a de não pensar mais, o único meio de não sofrer com ela. Só no sábado de tarde e no domingo é que minhas lembranças voltam — farrapos de ideias! —, que me lembro que sou também um ser pensante (Weil, 1996, p. 96).

O cansaço intenso impacta em sua capacidade mental e emocional, fazendo-a perder de vista o real motivo por estar ali. Para escapar do sofrimento, ela é tentada a parar de pensar, como um mecanismo de defesa. Suas forças voltam no final de semana, após um tempo de descanso, retornando sua identidade de ser pensante, elemento essencial para o ser humano. Sua experiência revela o impacto destruidor de um trabalho exaustivo sobre a mente humana, “como o pagamento era feito por peças terminadas, ela ganhava cada vez menos, e o que ganhava não lhe alcançava para comer suficientemente e repor as forças” (Bingemer, 2016, p. 345).

A experiência como operária e o sofrimento por não conseguir retornar à sua pátria, estão refletidos em seu livro *O enraizamento*, escrito em 1942, enquanto Weil estava exilada em Londres, e publicado postumamente (1949). Com o subtítulo *prelúdio a uma declaração de deveres com relação ao humano*, a obra é dividida em três partes: as exigências da alma, o desenraizamento e o enraizamento. Na primeira parte, reflete sobre a noção de obrigação e de direito, evidenciando a superioridade da obrigação em relação ao direito: “um direito não é eficaz por si só, mas apenas pela obrigação à qual corresponde; o exercício efetivo de um direito provém não daquele que o possui, mas dos outros que se reconhecem obrigados a algo com relação a ele”, ou seja, “um homem que estivesse sozinho no universo não teria nenhum direito, mas teria obrigações” (Weil, 2022, p. 11).

Weil, ao compreender o ser humano como portador de um destino eterno, afirma que a única obrigação que lhe é imposta consiste em um dever fundamental, o qual se caracteriza pelo respeito. A filósofa argumenta que “a obrigação não se cumpre senão pela expressão do respeito, de maneira real e não fictícia; e apenas pode sê-lo por intermédio das exigências terrestres do homem” (Weil, 2022, p. 14). Para ilustrar essa ideia, ela utiliza um exemplo didático: um homem, ao passar diante de sua porta, que possui uma grande abundância de comida e se depara com alguém em situação de fome, se não lhe oferecer socorro, não será considerado inocente. Simone Weil declara: “é, portanto, obrigação eterna com relação ao humano não o deixar sofrer de fome quando se tem a chance de socorrê-lo” (Weil, 2022, p. 14). Nesse contexto, Weil concebe essa obrigação como um modelo que, em certa medida, exige que o respeito seja entendido por analogia para que se configurem os deveres eternos, afirmando que “consequentemente, a lista de obrigações com relação ao ser humano deve corresponder à lista daquelas exigências humanas que são vitais, análogas à fome” (Weil, 2022, p. 14), as quais são detalhadas na primeira parte da obra.

Weil distingue entre exigências físicas e não físicas. As exigências físicas, por exemplo, referem-se à moradia, higiene e à fome. As exigências não físicas estão relacionadas à vida moral, constituindo necessidades essenciais para a existência humana na Terra. Ela argumenta que “se não forem satisfeitas, levarão o homem pouco a pouco a um estado mais ou menos análogo à morte, mais ou menos próximo a uma vida puramente vegetativa” (Weil, 2022, p. 15). Embora seja difícil elaborar uma lista definitiva dessas necessidades, sua importância é amplamente reconhecida pela humanidade. A filósofa propõe que, embora “[...] a liberdade ou o país natal não sejam necessidades físicas, todos têm a consciência de que há crueldades que despedaçam a vida do homem sem despedaçar o seu corpo. São aquelas que privam o homem de uma certa alimentação necessária à vida da alma” (Weil, 2022, p. 15).

A autora reflete a respeito das exigências da alma (Weil, 2022, p. 19-62). Nesta seção de sua obra, Weil propõe a ideia de que a individualidade está intrinsecamente ligada ao contexto social e cultural, o que se revela fundamental para a compreensão do conceito de enraizamento — tese central do livro. Destaca-se, nesse sentido, a primeira exigência da alma: a ordem, a qual, segundo a autora, “[...] está mais próxima de seu destino eterno, é a ordem, ou seja, um tal tecido de relações sociais em que ninguém se força a violar obrigações rigorosas para executar outras obrigações” (Weil, 2022, p. 19). Em outras palavras, a ordem representa um tecido social bem estruturado, onde as obrigações de um indivíduo não entram em conflito com as de outros, proporcionando, assim, uma vida mais harmoniosa e satisfatória.

A segunda parte da obra se inicia com a afirmação de que “o enraizamento é talvez a exigência mais importante e ignorada da alma humana” (Weil, 2022, p. 65). A autora apresenta a dificuldade conceitual em definir essa exigência, porém destaca que “o ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos presságios do porvir” (Weil, 2022, p. 65), evidenciando a necessidade humana de possuir uma multiplicidade de raízes. Weil identifica a conquista militar como uma forma de desenraizamento, “quando o conquistador permanece estrangeiro ao território do qual se tornou possuidor, o desenraizamento é uma doença quase mortal para as populações subjugadas” (Weil, 2022, p. 66). A autora distingue duas realidades, denominadas veneno, que possuem o poder de disseminar o desenraizamento em uma sociedade. A esse respeito, sustenta que “mesmo sem conquista militar, o poder do dinheiro e a dominação econômica podem impor uma influência estrangeira a ponto de provocar a doença do desenraizamento” (Weil, 2022, p. 66). Weil aborda o desenraizamento, apresentando-o como uma enfermidade social e uma perda individual. Explora essa condição em três âmbitos da civilização: nas fábricas, nos campos e na nação.

Nas fábricas, o ritmo extenuante do trabalho impõe um cansaço extremo aos assalariados, sendo os materiais valorizados acima dos próprios trabalhadores. Weil observa que “é nessa condição social que a doença do desenraizamento é mais aguda” (Weil, 2022, p. 67). Realiza uma crítica profunda às condições laborais da época, apontando que “é preciso mudar o regime de atenção durante o trabalho, a natureza dos estímulos que afastam a preguiça ou a exaustão” (Weil, 2022, p. 77), sugerindo que os mecanismos de concentração exigidos dos trabalhadores precisam ser transformados, pois os estímulos atuais são desumanizadores, fundamentados exclusivamente no medo ou na busca por remuneração. Apresenta uma lista — que poderia ser estendida — que inclui “a natureza da obediência, a quantidade insuficiente de iniciativa, de habilidade e de reflexão exigida dos trabalhadores, a impossibilidade em que estão de participar pelo pensamento e pelo sentimento do conjunto da empresa” (Weil, 2022, p. 77), evidenciando a redução do trabalhador a um mero executor obediente, isolado e desconectado do significado social de seu labor. Além disso, descreve os trabalhadores imersos em uma “ignorância por vezes completa do valor, da utilidade social, da destinação das coisas que fabricam, a separação completa da vida do trabalho e da vida familiar” (Weil, 2022, p. 80), gerando alienação decorrente da falta de consciência acerca do valor e da finalidade do produto elaborado. Em referência ao documento *Quadragesimo Anno*, de Pio XI, ainda no contexto da crise de 1929, a autora ressalta que “os materiais deixam a fábrica enobrecidos, os trabalhadores a deixam aviltados” (Weil, 2022, p. 82).

No campo, Weil trata o desenraizamento como uma problemática tão significativa quanto aquela observada nas fábricas. Ressalta a ideia predominante de inferioridade social atribuída aos camponeses em relação aos habitantes das cidades, o que acarreta um complexo de inferioridade. Os camponeses são descritos como “[...] muito desconfiados, muito sensíveis e sempre atormentados pela ideia de que foram esquecidos” (Weil, 2022, p. 101). A autora adverte que deve haver coerência

nas promessas dirigidas aos trabalhadores rurais e urbanos. Assim, “o desenraizamento dos trabalhadores do campo foi nos últimos anos um perigo tão mortal ao país quanto o desenraizamento dos trabalhadores das fábricas” (Weil, 2022, p. 103).

Para promover o enraizamento moral do campesinato, Weil propõe duas condições fundamentais: primeiramente, que “[...] a profissão de professor nas áreas rurais seja algo distinto, específico, cuja formação não seja apenas parcial, mas completamente diferente daquela do professor nas cidades” (Weil, 2022, p. 111), considerando incoerente a uniformização da formação docente para contextos rurais e urbanos. Em segundo lugar, enfatiza que os professores rurais devem conhecer os agricultores e respeitá-los, ressaltando que “isso não se conseguirá simplesmente recrutando-os no campesinato” (Weil, 2022, p. 111). Assim, a educação rural deve propiciar acesso à cultura geral e contemplar elementos específicos, tais como “contar-lhes sobre o papel que os pastores tiveram nas primeiras especulações do pensamento humano [e] fazer-lhes ler a literatura dos campos” (Weil, 2022, p. 111).

Weil também critica a representação da Igreja nos vilarejos, destacando a ausência da dimensão religiosa nos aspectos cotidianos da vida campesina, mesmo em comunidades integralmente católicas. Ressalta que, embora existam recursos abundantes para as liturgias, devido às numerosas parábolas de Jesus relacionadas à vida rural, “os agricultores cristãos são desenraizados também em sua vida religiosa” (Weil, 2022, p. 112), pois esses elementos simbólicos não são utilizados pelos pastores e párocos locais. A autora sustenta que a civilização de sua época alcançaria uma grandeza autêntica se fosse constituída por uma espiritualidade do trabalho, a qual define como “o alto grau de enraizamento do homem no universo, portanto o oposto do estado em que estamos, que consiste em um desenraizamento quase total” (Weil, 2022, p. 121).

A terceira forma de desenraizamento apresentada por Weil é considerada a principal doença, definida como “o desenraizamento que se

poderia chamar de geográfico, isto é, em relação às coletividades que correspondem aos territórios” (Weil, 2022, p. 123), o desenraizamento nacional aí incluso. Para Weil, a nação é uma coletividade sobrevivente, ao passo que outras como família, profissão, corporações e sindicatos encontram-se quase extintas. “Só a nação, já há muito tempo, desempenha o papel que constitui por excelência a missão da coletividade com relação ao ser humano, o que quer dizer assegurar por meio do presente uma ligação entre o passado e o porvir” (Weil 2022, p. 123). Perder o passado, seja em nível individual ou coletivo, representa um infortúnio humano colossal, “é sobretudo para evitar essa perda que os povos resistem desesperadamente às conquistas” (Weil, 2022, p. 143).

Ao tratar do enraizamento nacional, Weil utiliza como exemplo animais e plantas que dependem de ambientes específicos para sobreviver, analogia para demonstrar que certos indivíduos são destruídos quando afastados de sua terra natal. A experiência dos franceses com o desenraizamento exemplifica essa realidade: “sabem disso como sabem o que falta quando não se come. Sabem que uma parte da sua alma está tão colada à França que, quando a França lhes é tirada, permanece colada, como a pele a um objeto tórrido, e assim é arrancada” (Weil, 2022, p. 182). Para Weil, a invasão da França representa uma ameaça real de destruição, comparável “à ameaça de mutilação física de todos os franceses, e dos seus filhos e dos seus netos e dos seus descendentes a perder de vista. Pois há populações que nunca convalesceram de uma conquista sofrida” (Weil, 2022, p. 182). Refugiada em Londres e distante de sua pátria, Weil vive a experiência de ser arrancada de seu país como um profundo desenraizamento. Afirma que “somente a compaixão pela pátria, a preocupação ansiosa e afável de poupá-la do infortúnio, pode dar à paz, e especialmente à paz civil, o que a guerra civil ou estrangeira infelizmente possui por si mesma; algo inspirador, tocante, poético, sagrado” (Weil, 2022, p. 202). Essa forma de compaixão, entende a autora, propicia a redescoberta de um sentimento há muito perdido na França.

Na terceira parte, Weil dedica-se a descrever o conceito de enraizamento, que permeia toda a obra. A partir da derrota da França na Guerra Franco-Prussiana, Simone Weil observa que “a França se tornou realista. Deixou de acreditar em si mesma” (Weil, 2022, p. 218). O massacre da Comuna de Paris, “[...] deu permanentemente aos trabalhadores o sentimento de serem párias excluídos da nação, e aos burgueses, por efeito da consciência pesada, uma espécie de medo físico dos trabalhadores” (Weil, 2022, p. 218).

Weil ressalta a necessidade humana de pertencer a algo maior que si mesmo, uma busca que estabelece conexão entre o indivíduo, o mundo e os outros. No entanto, identifica elementos que impedem tal realização na sociedade contemporânea. Segundo ela, “quatro obstáculos sobretudo nos separam de uma forma de civilização capaz de valer alguma coisa. Nossa concepção falsa de grandeza; a degradação do sentimento da justiça; nossa idolatria do dinheiro; e a ausência em nós de inspiração religiosa” (Weil, 2022, p. 240). A autora compreende que a “concepção falsa de grandeza” configura uma deficiência pouco percebida pela maioria, e a qual classifica como a “mais grave”. Afirma que “nossa concepção de grandeza é a mesma que inspirou Hitler em toda a sua vida” (Weil, 2022, p. 241). Weil sustenta que nenhuma punição imposta a Hitler o impediria de sentir-se grandioso; contudo, a forma adequada de punição reside em afastar os jovens sedentos por grandeza do modelo representado por Hitler, por meio de uma transformação interior. Prossegue dizendo: “e, para contribuir para essa transformação, é preciso tê-la realizado dentro de si. Cada um pode neste instante exato começar o castigo de Hitler no interior de sua própria alma, remodelando a distribuição do sentimento de grandeza” (Weil, 2022, p. 248).

Weil enfatiza a importância de apresentar uma história da França que não exclua as guerras, pois “para amar a França, é preciso sentir que ela tem um passado, mas não é preciso amar o invólucro histórico desse passado” (Weil, 2022, p. 253). O conhecimento real da história, segundo a autora, não pode transmitir uma falsa ideia de grandeza. Essa

falsa grandeza também se manifesta em outras áreas, como nas letras e nas artes, onde “há uma certa dominação do talento literário no decorrer dos séculos que corresponde à dominação do talento político no espaço; são dominações da mesma natureza, igualmente temporais, igualmente pertencentes ao domínio da matéria e da força, igualmente baixas” (Weil, 2022, p. 253).

José Tolentino Mendonça invoca o ensaio O enraizamento (L'Enracinement), de Simone Weil, mais especificamente, o autor dialoga com a segunda parte da obra, onde a autora discute os efeitos do desenraizamento. Tolentino transcreve e adapta o seguinte excerto:

A pensadora Simone Weil, num instigante ensaio destinado a inspirar o renascimento da Europa sob os escombros da Segunda Guerra Mundial, de cujo o desfecho estamos agora a celebrar o 75º aniversário, escreveu o seguinte: um país pode ser amado por duas razões, e estas constituem, na verdade, dois amores distintos. Podemos amar um país idealmente, emoldurando-o para que permaneça fixo numa imagem de glória, e desejando que esta não se modifique jamais. Ou podemos amar um país como algo que, precisamente por estar colocado dentro da história, sujeito aos seus solavancos, está exposto a tantos riscos. São dois amores diferentes. Podemos amar pela força ou amar pela fragilidade. Mas, explica Simone Weil, quando é o reconhecimento da fragilidade a inflamar o nosso amor, a chama deste é muito mais pura (Mendonça, 2020, p.16-17).

No texto de Weil, lê-se:

Pode-se amar a França pela glória que parece assegurar-lhe uma larga existência no tempo e no espaço. Ou se pode amá-la como algo que, sendo terreno, pode ser destruído e cujo valor é ainda mais sensível.

São dois amores distintos; talvez, provavelmente, incompatíveis, embora a linguagem os misture. Aqueles cujos corações são levados a viver o segundo podem, por força do hábito, empregar a linguagem que só convém ao primeiro.

Só o segundo é legítimo para um cristão, pois ele tem a cor da humildade cristã. Só ele pertence à

espécie de amor que se pode chamar de caridade. (Weil, 2022, p. 195).

Tolentino adapta esse excerto para reforçar a relevância do amor à nação em tempos de crise, deslocando o foco da França de Weil para Portugal, e do contexto da Segunda Guerra Mundial para a pandemia de COVID-19. A adaptação não altera o sentido original do texto, mas contextualiza seus conceitos, realçando a necessidade de um amor que reconheça a vulnerabilidade nacional. Em *O enraizamento*, Weil reflete sobre os riscos de destruição das civilizações, fenômeno que ela denomina desenraizamento. O enraizamento, por sua vez, Tolentino associa a conceitos como fraternidade e compaixão: “compaixão e fraternidade são permanentes e necessárias raízes de que nos orgulhamos, não só em relação à história passada de Portugal, mas também àquela herdeína, que o nosso presente escreve” (Mendonça, 2020, p. 18).

Weil já apontava que “a compaixão pela fragilidade está sempre ligada ao amor pela verdadeira beleza, porque sentimos vivamente que as coisas verdadeiramente belas deveriam ter assegurada uma existência eterna e não a têm” (Weil, 2022, p. 195). A fraternidade, por sua vez, segundo a autora, está intrinsecamente vinculada à justiça e igualdade: “a igualdade é uma exigência vital da alma humana. Ela consiste no reconhecimento público, geral, efetivo, realmente expresso pelas instituições e pelos costumes, de que a mesma quantidade de respeito e consideração é devida a todo ser humano, sem gradações” (Weil, 2022, p. 29).

Reconstrução social em tempos de crise

A rápida disseminação do vírus colocou a humanidade em estado de alerta diante da necessidade de sobrevivência, provocando um aumento expressivo no desemprego e alterando profundamente a rotina de milhares de pessoas. O distanciamento social revelou-se uma medida essen-

cial no enfrentamento de um inimigo invisível¹³. Momentos de crise com repercussões globais, apesar de suas grandes diferenças, compartilham similitudes, por exemplo, em seu impacto social e na possibilidade de reflexão a respeito da fragilidade humana. No cenário europeu da Segunda Guerra, ocorreu um colapso de valores e de estruturas sociais. De modo análogo, a pandemia evidenciou a vulnerabilidade das sociedades contemporâneas: “abateu-se sobre nós uma imprevista tempestade global, que condicionou radicalmente as nossas vidas e cujas consequências estamos ainda longe de mensurar” (Mendonça, 2020, p. 18).

Na primeira parte de sua obra, Simone Weil destaca a centralidade da igualdade, entendendo-a como uma exigência vital do ser humano. Segundo a autora, cada indivíduo possui o direito de receber o mesmo grau de respeito e consideração, sendo as eventuais diferenças aceitáveis apenas quando não comprometem esse princípio fundamental. Ao longo de sua reflexão, Weil associa a esperança à prática da verdade, da justiça, da igualdade e da virtude. Em sua concepção, uma civilização de elevado valor moral é aquela capaz de superar obstáculos fundamentais, entre os quais a idolatria ao dinheiro, a ausência de inspiração espiritual, a adoção de concepções ilusórias de grandeza e a falta de justiça na valorização do outro e na garantia de seus direitos. Nos trechos finais da obra, a autora atribui à justiça um valor superior e estruturante, comparável à verdade, conforme expressa: “a justiça é a soberania da soberania. Por isso nada há acima da justiça. Aquele que não tem poder pode igualar o muito poderoso por meio da justiça [...]” (Weil, 2022, p. 305).

Em *O que é amar um país*, Mendonça relata uma conhecida narrativa atribuída à antropóloga Margaret Mead, que, ao ser indagada por um de seus alunos sobre qual seria o primeiro indício de civilização, surpreende ao responder que tal sinal não seria um instrumento de caça ou utensílio cerâmico, mas sim um fêmur humano fraturado e cicatrizado.

13. Para uma reflexão filosófica a respeito do distanciamento social e das relações humanas, ver o texto *Sobre o sofrimento humano: uma hermenêutica da carne a partir de Richard Kearney e Paul Ricoeur*, de Jefferson Zeferino e Marcio Luiz Fernandes (2020).

Isso indicaria, segundo ela, que “uma pessoa não foi deixada para trás, sozinha; que alguém a acompanhou na sua fragilidade [...]” (Mendonça, 2020, p. 19-20). A partir dessa perspectiva, o autor afirma que “a raiz da civilização é, por isso, a comunidade. Foi na comunidade que a nossa história começou. Quando do ‘eu’ fomos capazes de passar ao ‘nós’ e lhe demos uma determinada configuração histórica, espiritual e ética” (Mendonça, 2020, p. 20).

Na mesma obra em que está o discurso de Tolentino, encontra-se outro texto, intitulado O poder da esperança. Este foi produzido em meio ao auge da pandemia, reconhecendo o despreparo da humanidade diante da crise, bem como “a consciência da nossa real força e da nossa exata vulnerabilidade” (Mendonça, 2020, p. 33). Neste contexto, o autor sublinha a importância das parábolas e da literatura como instrumentos simbólicos capazes de iluminar e guiar a sociedade. Nesse sentido, faz referência à obra *A peste*, de Albert Camus, publicada em 1947 e amplamente relida durante o período pandêmico. A partir do romance, Tolentino extrai uma das principais lições do momento: “[...] no meio de toda esta tribulação, abrem-se imprevistos espaços para a fraternidade entre os seres humanos” (Mendonça, 2020, p. 37).

Para o autor, apesar de seus horrores e sem tentar justificá-los, a pandemia representou uma oportunidade de reaprendizagem, sobretudo no que diz respeito à redescoberta do valor da comunidade. Destaca-se, então, a percepção de que “a nossa vida não depende apenas de nós e das nossas escolhas: todos estamos nas mãos uns dos outros, todos experimentamos como é vital esta interdependência, esta trama feita de reconhecimentos e dom, de respeito e solidariedade, de autonomia e relação” (Mendonça, 2020, p. 37). Reaprender a valorizar o abraço, o olhar, a hospitalidade e o próprio significado do ser humano constitui, nesse contexto, um imperativo ético. O ensaio sobre o poder da esperança é concluído com uma referência a Blaise Pascal — as mãos sustentam a alma —, afirmando que “hoje precisamos de mãos — mãos religiosas e laicas — que sustentem a alma do mundo. E que mostrem que a redes-

coberta do poder da esperança é a primeira oração global do século XXI” (Mendonça, 2020, p. 53).

Em síntese, a imagem da raiz, utilizada por Camões para expressar a força e a fragilidade diante das forças naturais, é ressignificada por Tolentino como símbolo da vulnerabilidade perante as crises contemporâneas. Simone Weil, por sua vez, opõe o amor idealizado ao amor pela fragilidade de um país, argumentando que este último é mais profundo e legítimo. Tolentino articula essas perspectivas díspares ao empregar a metáfora da raiz como fundamento de uma identidade comunitária, sustentada por cuidado, solidariedade e realismo histórico no contexto português.

Conclusão

O exercício de intertextualidade realizado no presente estudo, partindo do discurso O que é amar um país, de Tolentino, permitiu encontrar pontos de contato dentro de sua própria obra, e na relação com fontes que cita em seu discurso, a saber, Camões e Helder, no contexto da poesia portuguesa, e Simone Weil como interlocução filosófica.

As reflexões de Camões e Helder acerca das raízes reforçam a sua relevância como elementos fundamentais da identidade e do enraizamento cultural. Camões, ao retratar as tempestades enfrentadas pelos marinheiros portugueses, simboliza as raízes como fonte de resistência e emergência, embora também reconheça sua fragilidade diante das adversidades da história. Sua obra sugere que, apesar dos desafios, manter as raízes vivas é essencial para a redescoberta constante da identidade de uma nação. Já Herberto Helder, na sua poesia, aborda as raízes como elementos de origem e conexão, que representam o lugar de origem comum e o sentimento de pertença. Para Helder, as raízes são também frágeis, sujeitas às tempestades e às intempéries do mundo, sendo imprescindível cuidar delas com sabedoria e coragem.

O diálogo entre Simone Weil e José Tolentino Mendonça evidencia a centralidade da vulnerabilidade como condição constitutiva da existência humana. Essa fragilidade, intensificada diante de eventos históricos limítrofes, como a Segunda Guerra Mundial no século XX e a pandemia de COVID-19 no século XXI, revela-se como elemento estruturante na reflexão ética e antropológica de ambos os autores. Tanto Weil quanto Tolentino abordam a formação da identidade a partir de uma perspectiva coletiva, articulando-a, respectivamente, aos conceitos de nação e comunidade. O termo enraizamento expressa a necessidade de uma vinculação profunda com o meio social e cultural. Em ambas as abordagens, a fragilidade humana não é percebida como limitação a ser superada, mas como ponto de partida para a edificação de uma sociedade alicerçada na empatia e na solidariedade, especialmente em contextos de crise.

A partir do reconhecimento da fragilidade como traço característico da experiência humana, ambos os autores delineiam uma proposta ética que enfatiza o acolhimento, a compaixão e a solidariedade como imperativos relacionais e sociais. Tal perspectiva permite a constituição de vínculos mais profundos com o outro e promove uma abertura à dimensão espiritual. Assim, o olhar lançado sobre as raízes humanas desloca-se de uma concepção idealizada de perfeição para uma compreensão que valoriza a capacidade de reconhecer e integrar as limitações inerentes à condição humana. Essa abordagem propicia a construção de formas de convivência mais autênticas e fundamentadas em valores de fraternidade e esperança, contribuindo, desse modo, para a constituição de uma sociedade eticamente orientada e sensível à complexidade da experiência humana.

O texto de Tolentino, influenciado por Camões, Helder e Weil, ajuda a pensar as raízes não como rigidez, mas como força e impulso. Não por último, é a própria imagem da navegação, acionada em seu discurso, que faz pensar a respeito de uma identidade que não é estabelecida na rejeição do outro, mas na dinâmica das relações. As nave-

gações, sejam elas do país, da comunidade ou de si mesmo, apontam para processos de autocompreensão, cuja dinamicidade se descobre e se revela como movimento.

Referências

- AFP. *Um pedacinho de Portugal na África do Sul. Estado de Minas*. 06/03/2023. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2023/06/06/interna_internacional,1503676/um-pedacinho-de-portugal-na-africa-do-sul.shtml. Acesso: 10 out., 2025.
- ANTISERI, Dario; REALE, Giovanni. *Filosofia: idade contemporânea*, vol. 3. São Paulo: Paulus, 2018.
- BINGEMER, Maria Clara; PINHEIRO, Marcus Pinheiro (orgs.) *Narrativas místicas: antologia de textos místicos da história do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 2016.
- CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas: introdução e notas* Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2018.
- FRANCISCO. *Laudato Si': Sobre o cuidado da casa comum*. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2015.
- GARCIA, Carlos Eduardo Nunes. *Intertextualidade multimodal*. *Diacrítica*, V. 34, n.º 1, 2020, p. 122-134.
- HELDER, Herberto. *Flash*. Lisboa: Edição do autor, 1980.
- JCP. *Cultura: José Tolentino Mendonça destaca "obra imortal" de Herberto Helder*. *Ecclesia*. 15/03/2015. Disponível em: <https://agencia.ecclesia.pt/portal/cultura-jose-tolentino-mendonca-destaca-obra-imortal-de-herberto-helder/>. Acesso: 11 out., 2025.
- JERONIMOS MONASTERY. *Tudo sobre o mosteiro dos Jerónimos*. Disponível em: <https://www.jeronimosmonasterytickets.com/pt/history/>. Acesso: 11 out., 2025.
- JOÃO, Maria Isabel. *Dia de Camões e de Portugal: breve história de uma celebração nacional (1880-1977)*. DOSSIER: Pensar la Historia, celebrar el pasado, 2011.
- LEIDERFARB, Luciana. *Tolentino é "um homem de diálogo", disse Marcelo. E entregou-lhe o Prémio Pessoa e a Grã-Cruz da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada*. *Expresso*. 19 de junho de 2024. Disponível em: <https://expresso.pt/cultura/2024-06-19-tolentino-e-um-homem-de-dialogo-disse-marcelo.-e-entregou-lhe-o-premio-pessoa-e-a-gra-cruz-da-ordem-militar-de-santiago-da>

- espada-9704f9b3. Acesso: 10 out., 2025.
- MATOZZI, Martina. Representações da emigração no dia 10 de junho: dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas. Dois textos e uma pergunta. Cabo dos trabalhos, n. 12, p. 1-17, 2016.
- MARTINS, Rui Jorge. “Herberto Helder é imortal com sua obra”. Snpcultura.org. 24/03/2015. Disponível em: https://www.snpcultura.org/herberto_helder_imortal_com_a_sua_obra.html. Acesso: 16 out., 2025.
- MENDONÇA, José Tolentino. A mística do instante: o tempo e a promessa. Prior Velho, Portugal: Paulinas, 2014.
- MENDONÇA, José Tolentino. A noite abre meus olhos. Porto, Portugal: Assírio & Alvim, 2024a.
- MENDONÇA, José Tolentino. Elogio da Sede. São Paulo: Paulinas, 2018.
- MENDONÇA, José Tolentino. Nenhum caminho será longo: para uma teologia da amizade. São Paulo: Paulinas, 2013.
- MENDONÇA, José Tolentino. O centro da terra. Porto, Portugal: Assírio & Alvim, 2024b.
- MENDONÇA, José Tolentino. O pequeno caminho das grandes perguntas. Lisboa, Portugal: Quetzal, 2017.
- MENDONÇA, José Tolentino. O que é amar um país: o poder da esperança. Lisboa, Portugal: Quetzal, 2020.
- MENDONÇA, José Tolentino. Sobre o Uso do Termo Vulnerabilidade. Revista da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, LXII, n. 1, tomo 1, p. 71-76, 2021.
- PINTO-LISBOA, Domingos. D. José Tolentino Mendonça: “Para mim não há diferença entre uma biblioteca e um jardim”. O novo arquivista e bibliotecário da Santa Sé foi ordenado bispo no Mosteiro dos Jerónimos em Lisboa. Vatican News. 30 de julho de 2018. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2018-07/dom-jose-tolentino-arquivista-bibliotecario-vaticano.html>. Acesso 14 out., 2025.
- RIBEIRO, Anabela Mota. No princípio era o desejo de falar. Publico. pt. 11 dez., 2012. Disponível em: <https://www.publico.pt/2012/12/11/culturaipsilon/noticia/no-principio-era-o-desejo-de-falar-1576998>. Acesso 14 out., 2025.
- SANTOS, Luciano Costa. A servidão involuntária: trabalho, educação e enraizamento em Simone Weil. Revista Ágora Filosófica, v.13, n.

2, p. 97-113, 2013.

SOUSA, Vítor de. As marcas do luso-tropicalismo nas intervenções do presidente da república Português (2016-2020). Revista Ciências Humanas -UNITAU, Taubaté/SP - Brasil, v14, e30, 2021.

WEIL, Simone. A condição operária e outros estudos sobre a opressão. In: BOSI, E. (Org.). São Paulo: Paz e Terra, 1996.

WEIL, Simone. O enraizamento: prelúdio a uma declaração de deveres com relação ao humano. Belo Horizonte, MG: Âyiné, 2022.

ZEFERINO, Jefferson; SILVA, Eliabe Simplicio. A humanidade de Deus: uma aproximação entre José María Castillo e José Tolentino Mendonça. Revista de Cultura Teológica, n. 109, v. 33, Set - Dez, 2024, p. 67-87. Doi: <https://doi.org/10.23925/rct.i109.69645>.

ZEFERINO, Jefferson; FERNANDES, Marcio Luiz. Sobre o sofrimento humano: uma hermenêutica da carne a partir de Richard Kearney e Paul Ricoeur. Reflexão, v. 45, p. 1-15, 2020. Doi: <https://doi.org/10.24220/2447-6803v45e2020a4995>.